

Ximenes acha normal a reação do mercado

BRASÍLIA — “Um movimento superesperado”. Assim, reagiu ontem o secretário geral do Ministério da Fazenda, Paulo César Ximenes, ao comentar a reação dos mercados de ouro e dólar no paralelo no primeiro dia de apuração das eleições presidenciais. Ximenes não acredita que este movimento de alta possa desestabilizar a economia porque todos os agentes econômicos já sabiam, baseados nas prévias eleitorais, que a disputa no segundo turno ficaria entre Fernando Collor de Melo e Luiz Inácio Lula da Silva ou Leonel Brizola. “Todos já fizeram seu *hedge*. Não iriam esperar pelo dia 16”.

O secretário reconheceu, no entanto, que o mercado “acaba ficando um pouco nervoso”, em função do próprio momento por que passa o país. Tem, porém, uma visão bastante clara de que “ninguém poderá alterar muita coisa”. A avaliação de Ximenes é de que domina o mercado o pensamento de que se está discutindo o “nome de um homem, mas existe um Congresso com forte poder de decisão. Portanto, não haverá mudança radical. Ela obedecerá a uma negociação consensual com o Congresso”, arrisca-se a prever Ximenes.

A área econômica, neste contexto, manterá sua política. Assim, continuarão a ser privilegiadas as aplicações no overnight com uma taxa de juros real (descontada a inflação) em patamar capaz de manter aprisionados no over os US\$ 60 bilhões existentes. E, ao mesmo tempo, a administração das câmaras setoriais como importante instrumento de controle de preços. O secretário geral do Ministério da Fazenda prefere não fazer previsões sobre a inflação de novembro, que em três semanas no Rio de Janeiro e São Paulo já acena para os 39,6%. “A inflação ficará dentro do esperado”, insistiu. O risco de ultrapassar a barreira dos 40% já este mês não é cogitado pela equipe econômica. O próprio Ximenes reconhece que o governo, sempre que tem condições, “empurra um pouco os reajustes”.

☐ O secretário-particular da Presidência da República, Augusto Marzagão, garantiu que o governo “não está pensando em promover nenhum choque econômico” e que o presidente José Sarney espera cumprir este final de mandato tranqüilamente até o dia 15 de março, quando passará a faixa a seu sucessor. Marzagão assegurou também que não haverá troca de ministros e disse que falar em hiperinflação é “leviandade de algumas pessoas, que teimam em ver desgraça em tudo”, acrescentando que “existe um porre de imaginação no país”.